

REGISTRAR PRA QUÊ? REGISTRAR PRA QUEM?

Rosana de Fátima Lima

Universidade São Francisco – Projeto Observatório de Educação
rosanafatili@gmail.com

Selene Coletti

Universidade São Francisco – Projeto Observatório de Educação
selenecoletti@uol.com.br

Resumo:

O presente relato é resultado do trabalho realizado no contexto do Programa Observatório de Educação – OBEDUC, envolvendo uma parceria entre pesquisadores de uma universidade privada paulista e escolas públicas da região, com o intuito de discutir as práticas de letramento matemático das professoras dos anos iniciais. Considerando este contexto, o registro ganha grande significação tornando-se uma estratégia norteadora das ações em sala, tanto para o professor quanto para o aluno, bem como prática de autoformação docente. Ao longo deste relato evidenciamos essa importância tanto no âmbito dos encontros quinzenais do grupo como dentro da sala de aula, tornando-se uma relevante ferramenta para aprimorar a pesquisa da nossa própria prática bem como um olhar reflexivo para ela. Procuraremos trazer alguns fragmentos de registros – analisando-os e fundamentando sua importância, ampliando o olhar para além da “simples” descrição dos acontecimentos para um olhar mais consciente e reflexivo sobre as nossas intervenções.

Palavras-chave: Prática Pedagógica. Registro do professor. Registro do aluno. Letramento Matemático.

1. Introdução

O presente relato é resultado do trabalho realizado no contexto do Projeto Observatório de Educação – OBEDUC, que envolve uma parceria entre pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade privada no interior do estado de São Paulo e escolas públicas da região com o intuito de discutir as práticas de letramento matemático das professoras dos anos iniciais e os processos formativos do grupo. Tentaremos abordar a importância do registro como uma estratégia norteadora das ações pedagógicas em sala de aula, tanto por parte do professor quanto do aluno, pontos estes discutidos ao longo dos nossos encontros. O registro vem se constituindo em ferramenta para a prática docente, bem como para a nossa formação profissional.

Desde os tempos primitivos o homem utilizou o registro como uma forma de perpetuar suas ideias ao longo do seu percurso. Os registros feitos nas cavernas mostram

o modo de vida e as formas de resolução dos problemas que enfrentavam naqueles tempos.

Com o passar do tempo outras formas de registro foram surgindo, mas sempre com o objetivo de deixar uma marca para (re)contar uma história – o processo vivenciado pelos participantes de um dado momento. Assim, diferentes formas de registro foram sendo aprimoradas pelo tempo: os quadros, os diários, as cartas, os desenhos, as fotos, os relatos, as mensagens, as gravações e vídeo gravações, as atuais ferramentas do computador e das redes sociais. Todas procurando marcar e perpetuar a história.

Isto também pode se observado quando direcionamos o olhar para a sala de aula. O registro tanto do professor como do aluno permite contar uma história de um determinado momento que como um “presente” lança luz para compreender a prática pedagógica, seja na área da escrita matemática, seja das outras áreas do conhecimento.

O ato de registrar permite ao professor além de avaliar os alunos, perceber sua própria atuação junto a eles, rememorar episódios, resgatar situações ocorridas em sala, refletir sobre sua prática, registrar experiências, apropriar-se do trabalho realizado, (re)planejar ações que envolvem o processo de ensino e aprendizagem.

Para o aluno, registrar é uma possibilidade de aprender a olhar para o seu desenvolvimento, percebendo sua evolução ao longo do seu percurso. Entretanto, o papel do professor é fundamental já que irá ajudá-lo a construir esta importante ferramenta.

No âmbito do Programa Observatório de Educação – OBEDUC, o registro transita entre dois caminhos: a retomada dos encontros e o registro da prática do professor participante por meio das narrativas de aula, como prática de formação.

A prática do registro dos encontros permite a retomada dos mesmos bem como a reflexão de pontos importantes, além é claro de criar nos professores a prática de escrever, de exercitar algo que ensina às crianças, mas que reluta pôr em prática. Zabalza, abordando tal aspecto cita Isabel Carillo (2001, apud ZABALZA, 2004, p. 29), que define essa competência que é praticada ao longo dos encontros: “a escrita é, desse modo, um espaço de silêncio para lembrar a mudança e vislumbrar os rastros deixados,

mas ao mesmo

tempo, nos leva a projetar novos espaços imaginários à luz daquilo que já foi, do que é e do futuro que ainda é incerto porque não é”.

O outro âmbito é o da prática do professor por meio das narrativas de aula, entregues mensalmente pelas professoras que atuam em sala de aula. A narrativa é um gênero textual que relata a experiência vivenciada em sala contendo as memórias e reflexões dos saberes aprendidos e produzidos.

Elas nos remetem aos diários de aula que Zabalza (2004) utiliza como instrumentos de pesquisa e desenvolvimento profissional, dos quais é possível extrair uma “espécie de radiografia” da nossa docência:

o diário possui como instrumento de descrição: [...] a possibilidade de reconhecer os dilemas, o registro direto e próximo de eventos e situações que ocorreram em momentos específicos, a contribuição de fatos, mas também de vivências. Por outro lado, a possibilidade de extrair padrões de atuação, de identificar pontos fortes e fracos [...] de poder incorporar a nossas aulas os ajustes que são pertinentes. (ZABALZA, 2004, p. 25).

Atuando na rede municipal de ensino como professoras em escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, 3º ano (1ª autora) e 1º ano (2ª autora), procuraremos trazer alguns recortes de narrativas produzidas por nós – versando sobre os conteúdos e letramento matemático. Focaremos o olhar para os nossos registros e dos nossos alunos com o intuito de mostrar o quanto tal gênero ajuda a melhorar a prática, reformulando-a e avaliando a nossa atuação e o desempenho dos alunos.

2- O registro para o direcionamento do olhar do professor

A prática nos mostra o quanto o ato de registrar garante ao professor (re) planejar suas ações pedagógicas em sala de aula. É através do registro que o professor pode redirecionar tais ações, (re)avaliar sua prática, visualizar os avanços e dificuldades dos alunos.

É um valioso instrumento utilizado semanalmente por nós, no qual escrevemos as considerações relevantes em relação às atividades, impressões, observações do cotidiano, falas e comentários significativos dos alunos, as dificuldades e avanços observados durante o percurso. Nele também nos reportamos às nossas angústias em relação às nossas dificuldades em ensinar para aqueles que nem sempre estão motivados a aprender naquele momento. Serve também para relatar as ausências e seus motivos

bem como os encaminhamentos a especialistas. Esse processo intensificou-se, focando o nosso olhar para as produções do campo da matemática a partir do OBEDUC.

O registro não é algo simples e nem tão fácil, mas a partir do momento em que se transforma em um hábito, torna-se impossível não registrar as considerações relevantes da semana.

De acordo com o mencionado em registro anterior, a semana foi pautada em atividades referentes ao Dia das Mães. Para a confecção do cartão, foi pensado em realizar uma releitura de obras de Romero Britto. Para tanto, na quarta-feira, aula de Cultura Digital, os alunos fizeram uma pesquisa para conhecer um pouco mais sobre a vida e obra do autor. Foi bem bacana, pois eles fizeram uma relação com diversos conhecimentos que possuem, como por exemplo: identificaram muitos artistas famosos retratados em obras por Romero Britto entre eles – Michael Jackson, presidenta Dilma; além de observarem o quanto a obra do autor está presente em artigos do cotidiano (bolsas, sapatos, canecas, maiôs, calças leggings, bermudas, nas unhas, tatuagens entre tantos outros). Comentei com eles que tenho uma sacola reciclável com pintura de Romero Britto e fiquei de trazer para que vejam. O mais legal foi que eu esqueci de trazer a sacola; porém uma das alunas veio vestida com uma calça legging com desenho da pintura do autor. Foi o must!!! Todos observaram e até viram na calça da colega, parte da pintura que fizera no cartão da mãe. Foi muito legal!!! Tornou-se observável a eles também a pintura da parede do pátio com a obra do autor. [...]Na matemática, foi realizada novamente a atividade com copos plásticos e letrinhas para simular a divisão e pude perceber que nesta atividade, os alunos acabam se envolvendo, demonstrando interesse e motivação em realizá-la. Desta vez, a quantidade de letrinhas foi diversa (foi colocado um punhado) para cada dupla e elas tinham que contar quantas letrinhas para descobrir a quantidade que tinha para poder começar a dividir. Registrei através de fotos esse momento e vale conferir em anexo.[...] (FRAGMENTO DO SEMINÁRIO DA 1ª AUTORA REFERENTE A SEMANA DE 5/5/2014.

Neste fragmento observa-se que há um redirecionamento do olhar à escrita anterior para descrever o ocorrido na semana, pontuando aspectos relevantes das situações indo além do planejado, mostrando as reflexões realizadas pela professora, constituindo uma autoavaliação que permite o planejamento de novas atividades.

No entanto, não consegui retomar o faz de conta com as compras do mercado, pois acabei intervindo no cantinho da dobradura e do jogo o que me impediu de trazer a proposta planejada para este momento e concluir o mesmo. Também, o computador não está funcionando, preciso pedir para o Francisco vir ver. Produzimos o tabuleiro do Esconde 3: a participação dos alunos foi boa e muitos conseguiram entender que o maior número do tabuleiro seria o 18 pois jogaremos com 3 dados bem como souberam explicar o porquê de

começar no 3 e não no 2. Entretanto, muitos não compreenderam muito bem tais questionamentos. Vale ressaltar a participação do Vinicius, Felipe Polessi, Lara, Felipe Lopes e Jullia. (FRAGMENTO DO REGISTRO DA 2ª AUTORA REFERENTE A SEMANA DE 20/8/2015).

Este outro fragmento (descrito acima) retrata a reflexão de momentos e situação de aprendizagem vivenciada em sala. Faz-nos pensar e repensar a nossa atuação mediando as aprendizagens dos alunos. Em ambos é fato que o registro serve para revisitar a nossa memória. Segundo Madalena Freire (2005):

o registro permite romper a anestesia diante de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga pensar. Permite ganhar o distanciamento necessário ao ato de refletir sobre o próprio fazer sinalizando para o estudo e busca de fundamentação teórica [...] O registro permite a sistematização de um estudo feito ou de uma situação de aprendizagem vivida. O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada. (FREIRE, 2005, [p.1]).

Essa prática tem ajudado a subsidiar a elaboração das narrativas de aula do OBEDUC. Como pode ser visto a seguir, onde, para produzir a narrativa sobre o sistema monetário (agosto/2015) e o jogo de boliche (outubro/2013), a 1ª e 2ª, respectivamente, lançam mão das anotações constantes em seus semanários:

[...]Nesse ponto da conversa, contei aos alunos o episódio vivenciado com a turma do 3º ano de 2014, em que um deles trouxe para sala um recipiente com moedas de 1 centavo dizendo que aquele dinheiro não valia mais. Segue episódio abaixo retirado do registro de avaliação da semana do meu semanário de 2014; sendo que esta é uma prática que faz parte da minha rotina enquanto professora desde minha volta à sala de aula em 2009: **VOLTANDO NO TEMPO... UM ANO ANTES!!!** Foi grande minha satisfação em ver que no decorrer da semana, outras oportunidades de atividades foram criadas e muito boas discussões acabaram sendo promovidas em sala. Uma delas foi a discussão sobre: Moeda de R\$ 0,01 (um centavo) não tem valor. Tudo começou com as moedas do aluno Lucas que faz parte de seu material na Caixa Matemática. Eu ainda não tinha conhecimento desse material (garrafinha de moedas) e ao vê-lo, não tive dúvidas, levantei um questionamento sobre: Quantas moedas tinham na garrafa? Trabalhamos com estimativas e os alunos em diversos momentos e dias confrontaram suas opiniões em relação à quantidade de moedas no pote. No primeiro dia, anotei numa folha sulfite o palpite de cada aluno e deixei para o dia seguinte a contagem das moedas [...] (FRAGMENTO DA NARRATIVA SOBRE O SISTEMA MONETÁRIO).

Segue o registro desta atividade constante no meu semanário que poderá dar uma ideia melhor de como foi iniciado:

Iniciei a sequência do jogo de Boliche perguntando quem já havia jogado o boliche na Educação Infantil junto com a professora (metade da classe já havia jogado). Perguntei qual era o objetivo do jogo (derrubar todos os pinos) e que

p
recisava ser feito para derrubar todos os pinos (algumas respostas surgiram: estar atento, prestar atenção, olhar o pino e jogar a bola – alguém disse mirar, ter força e arrumar os pinos). Disse que jogaríamos um pouco naquele dia (acabou dando tempo de todos jogarem) e faríamos a continuação na semana seguinte. Sendo assim, perguntei como cada um poderia fazer para não esquecer o total de pinos derrubados. Vinicius disse que deveríamos marcar os pontos na tabela. Arthur disse que nos pinos da classe tinham pontos diferentes marcados, se iríamos utilizá-los. Expliquei que neste momento cada pino valeria 1 ponto e que usaríamos 10 pinos. [...] Foram discussões bem interessantes que tenho certeza enriquecerão a sequência que estamos preparando com a professora formadora. (FRAGMENTO DA NARRATIVA SOBRE O JOGO DO BOLICHE).

Como se pode observar, o movimento de resgatar os registros realizados anteriormente possibilitou novas reflexões, novas propostas de trabalho e, por conseguinte, novas narrativas.

No decorrer do percurso de escrever e analisar as narrativas no grupo do OBEDUC fez com que as narrativas produzidas fossem se aprimorando uma vez que se encontra um interlocutor, no caso os demais membros do grupo, o que nos auxilia a revisitar o que foi feito, voltando o olhar, revendo, organizando as informações, dando-lhe sequência e mesmo redirecionando-as, de forma distanciada da prática.

As discussões das narrativas, com este interlocutor presente, permitem-nos constatar aquilo que está pertinente e aquilo que necessita de novos olhares e novas modificações. Como em um dos encontros quando se discutia a narrativa “Sobe e desce ...sempre aparece” (maio/2015) da 2ª autora. Vale ressaltar que esta narrativa tinha por objetivo inicial trabalhar o jogo de percurso intitulado Sobe e desce possui setas que ora permite avançar, ora voltar casas. A ideia inicial era trabalhar a sequência numérica por meio de desafios que podem ajudar a pensar e compreender o sistema numérico. As colocações do grupo permitiram enxergar alguns aspectos não pensados como a ampliação do próprio objetivo – indo além do trabalho com o sistema de numeração, proposta inicial. Isto é observável na transcrição do registro do encontro de junho de 2015:

[...] Passando a palavra à professora S., a mesma é questionada pelo fato de que não acreditava que a sua narrativa possuía um trabalho referente ao campo da Geometria e uma vez que seu foco não era desse campo e sim uma proposta centrada no trabalho com o sistema numérico. No entanto, A. discorda da afirmação da professora uma vez que ela trabalha com os alunos a questão espacial que compõe o campo da geometria. Dando continuidade as discussões, K. destaca o fato das crianças participarem da montagem do

percurso, significando o trajeto. E A., complementa que a professora vai utilizando a tarefa para avaliar os alunos, pois vai observando quais são as dificuldades apresentadas por eles, bem como os seus avanços. Também destaca o fato de seu trabalho estar conectado com o trabalho realizado pela professora D. que teve seu foco no trabalho com os mapas. Para A., é fundamental o trabalho com a construção da noção de espaço com o corpo – espaço-vivido – para que posteriormente seja possível olhar para este espaço “fora do corpo” e começar a construir a percepção desse espaço – reconhecido na literatura como espaço-percebido. (REGISTRO DE ENCONTRO – JUNHO DE 2015).

Diante do exposto, sentimos a necessidade de registrar sempre, pois com essa prática fundamentamos nossas ações e percepção das aprendizagens dos alunos em sala de aula. Torna-se visível a nós as experiências e conquistas alcançadas. Isso vem se constituindo em uma prática de formação das professoras envolvidas no OBEDUC.

3- O registro para o direcionamento do olhar do aluno

Direcionando o olhar para as possíveis aprendizagens dos alunos, o ato de registrar torna-se também um instrumento imprescindível ao (re)planejamento e à (re)avaliação do professor.

Ao analisarmos um registro realizado pelo aluno, temos a possibilidade de constatar os conhecimentos que ele traz o que ainda precisa construir, as intervenções e mediações que se fazem necessárias.

Este movimento de olhar para o registro da criança em diferentes momentos e situações é algo que está presente na nossa prática e que veio a ser fortalecido pelas discussões do OBEDUC.

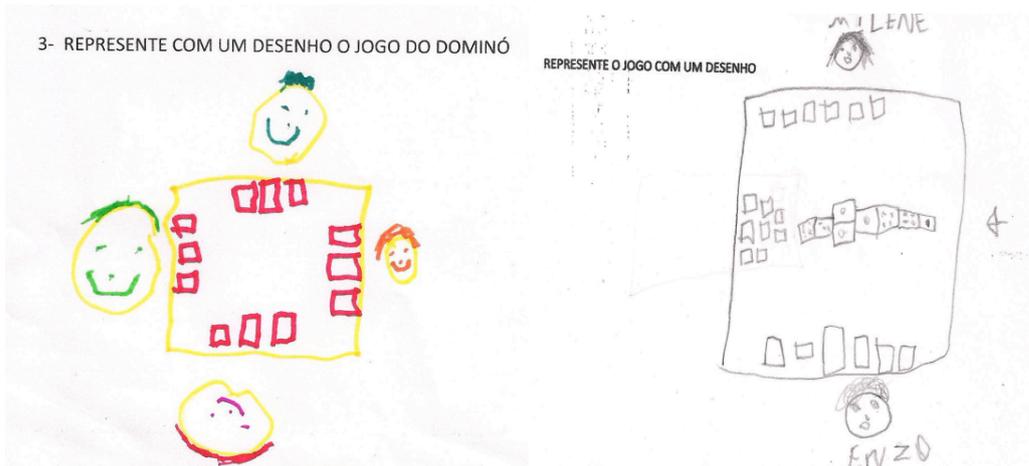
Assim, os registros que permeiam a nossa sala de aula possuem diferentes finalidades:

- O registro utilizado como forma de avaliação de uma sequência trabalhada: No registro abaixo podemos observar que foi solicitada a representação de um jogo dado para casa (Narrativa junho/2015) bem como suas jogadas. A partir da sua análise é possível constatar que o aluno consegue organizar os números seguindo a sequência de 1 a 31, representa os jogadores e o dado “rolando”, este movimento representado através das setas. O jogo em questão é a Trilha do Calendário (Figura 1) que utiliza uma folha de um calendário (um mês), 2 ou mais piões, um dado. Joga-se o dado e anda-se o tanto obtido. Se cair num domingo ou feriado, descansa uma rodada. Se cair no sábado, volta-se uma casa. O vencedor é aquele que chegar primeiro no último dia do mês.



Figura 1- Registro do jogo A Trilha do Calendário pelo aluno N.

Na observação dos registros de outro aluno em dois momentos distintos é possível notar a evolução do mesmo, denotando o quanto se apropriou do tradicional jogo de Dominó, outra sequência trabalhada e objeto de narrativa (abril/2014) - (Figura 2). No primeiro desenho vemos os jogadores com apenas 3 peças, no segundo, após o trabalho com uma sequência de atividades, observamos que além de nomear os jogadores e colocar as peças de cada um, acrescenta o monte para serem compradas e a trilha do jogo na mesa montada, contendo apenas um equívoco (a peça à esquerda da inicial com 3 bolinhas ao invés de uma). Coloca ainda a seta para mostrar o início do jogo.



XII Encontro Nacional de Educação Matemática
ISSN 2178-034X

Figura 2 - Registros do aluno E. do jogo do Dominó em dois momentos distintos

- O registro como forma de nortear os saberes dos alunos para novas aprendizagens:

A análise dos registros, como os abaixo (Figura 3), nos quais os alunos produziram diferentes maneiras de registrar os resultados de um jogo, permitiu à professora saber os conhecimentos que detinham e, a partir daí, direcionar suas ações, elaborando novas propostas para trabalhar a tabela como forma de organização e registro dos pontos.

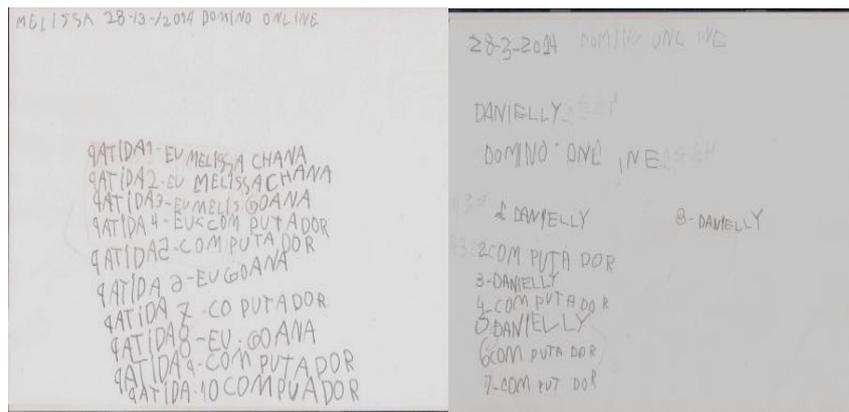


Figura 3 - Registros dos pontos no Jogo do Dominó Online

Na sequência, observamos a seguir, num novo registro, o quanto os alunos colocaram em jogo seus conhecimentos adquiridos no decorrer desse percurso, passando a utilizar a tabela para marcar os pontos obtidos no jogo (Figura 4). Neste caso, o jogo do dominó aconteceu no ambiente virtual, e as crianças jogaram com o computador.

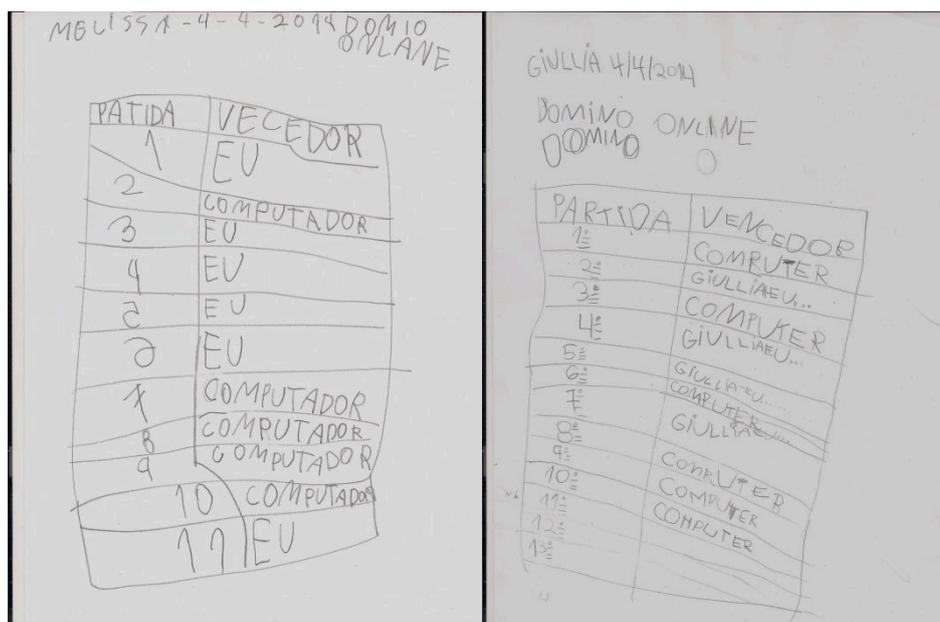


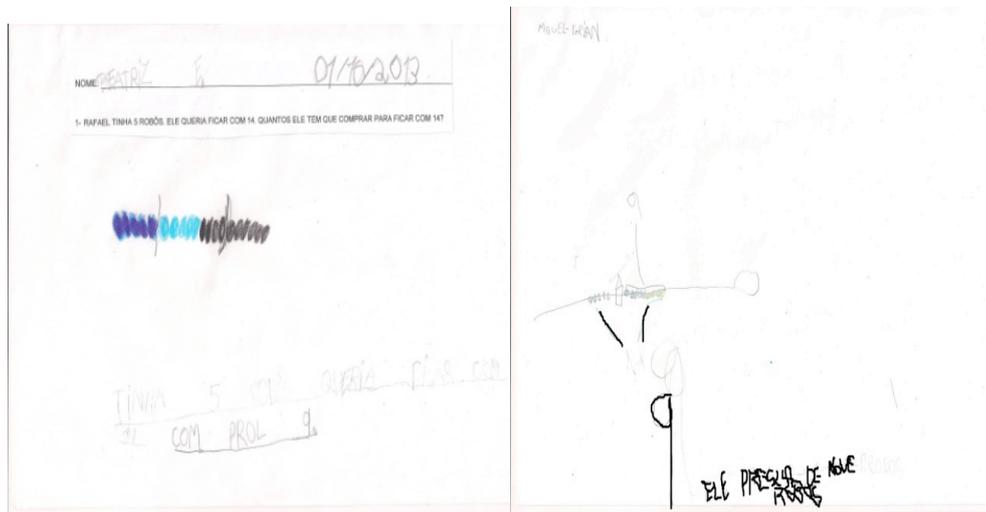
Figura 4 - Registro do dominó Online após mediações da professora

- O registro dos alunos como forma de aprimorar a prática de registrar:

Num outro momento, foi produzida no grupo do OBEDUC uma sequência de atividades com o fio de contas - material manipulável não estruturado construído a partir de um barbante no qual são colocados de dez em dez, contas de cores diferentes. Num determinado período da sequência as crianças do 1º ano da classe da 2ª autora trocaram situações problemas com as do 1º ano de outra classe de outra professora participante do grupo (narrativas de setembro/2013).

Foram levados para o grupo do Observatório os problemas resolvidos pelas crianças e discutido como as mesmas fizeram. Foi combinado que as professoras levassem para suas classes analisarem as respostas e verem como cada um pensou e representou – ao corrigir os problemas dos colegas, as crianças colocam em jogo o que sabem uma vez que para tanto, necessitam resolver o problema, comparar as respostas, observando se o seu registro traz as informações que o outro colega tem.

Os alunos participaram dando a sua opinião e fazendo o movimento de registrar, olhar para o registro do colega e rever o seu. Isso pode ser bem observado na colocação da dupla R. e M. que haviam marcado na sua representação do fio o 9 (a resposta 9 robôs) – (Figura 5) perceberam que o colega da outra classe não havia feito o mesmo (Figura 6).



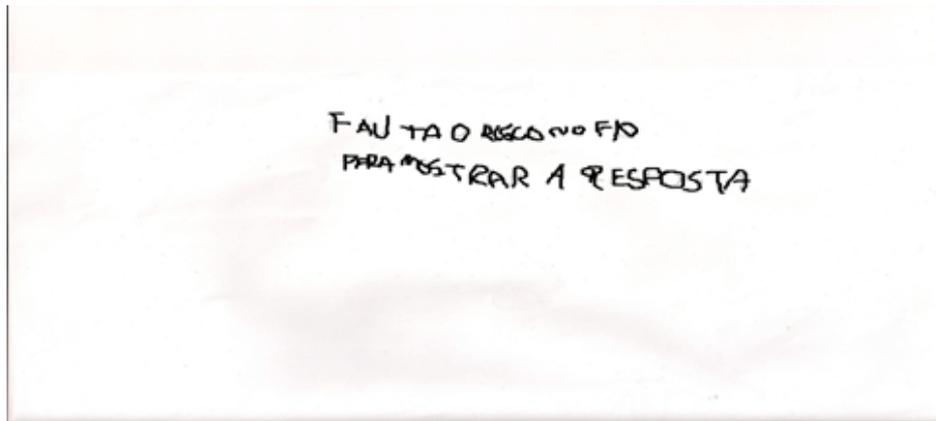


Figura 6 - Resposta para o colega da outra classe

Assim puderam tanto constatar os acertos explicitando o porquê, percebendo aqueles que se encontravam confusos ou faltando dados. Sendo bastante significativa, a atividade permitiu às crianças perceberem a importância de se registrar corretamente quando existe um segundo envolvido, ou seja, alguém que irá ler. Outra possibilidade foi vivenciar este movimento de registrar e “debruçar-se” sobre esse registro, adquirindo procedimentos levados para além dos muros escolares.

4- Concluindo

O percurso do processo de registro mostrado ao longo deste relato nos faz ver o quanto este instrumento é necessário para nortear o trabalho em sala de aula, para manter o professor informado sobre os conhecimentos, saberes, dificuldades dos alunos. No âmbito do letramento matemático estudado no OBEDUC, ganha um destaque maior ainda, pois, nos permite (re)avaliar constantemente a nossa ação, (re)planejando-as, direcionando o nosso olhar para as produções dos alunos que, por sua vez, ganham uma nova dimensão.

No nosso olhar, enquanto profissionais da Educação, o registro possibilita aprofundar a nossa ação investigativa sobre as práticas de letramento matemático e das nossas práticas em geral, permitindo um olhar mais consciente e reflexivo sobre as nossas intervenções e ação pedagógica de forma mais específica. Registrar é, portanto, uma prática de autoformação. O grupo do OBEDUC permitiu-nos construir novas ferramentas de registro, indo além do “simples” descrever as nossas angústias e acontecimentos da sala, para a elaboração das narrativas de aula – que se tornam mais

elaboradas com o passar do tempo – o uso das filmagens, fotos, gravações, transcrições das trocas nos encontros.

Tornamo-nos, com esta prática de registrar, como descreve Zabalza (2004, p. 23), “um modelo de professor como profissional que utiliza, de maneira sistemática, procedimentos de indagação, que é capaz de manejar os resultados das pesquisas aplicáveis a sua atividade e de se tornar ele mesmo pesquisador de sua prática”. Assim, parafraseando Clarice Lispector, registramos porque à medida que registramos nos entendemos e entendendo o que queremos dizer, entendemos o que podemos fazer. Registramos porque sentimos a necessidade de aprofundarmos as coisas e vê-las como realmente são.

5-Referências

FREIRE, Madalena. **O papel do registro na formação do educador**. Disponível em: <http://www.pedagogico.com.br/edicoes/8/artigo2242-1>. Acesso em janeiro/2016.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: ARTMED, 2004.